

# A “CIDADE MILAGRE”: NOVOS CONTORNOS DE UMA FLORIANÓPOLIS EM VIAS DE MODERNIZAÇÃO<sup>1</sup>

---

Daniel Henrique França Lunardelli <sup>2</sup>

**Resumo:** Durante a década de 1970, uma nova imagem de Florianópolis começa a ser projetada: a de cidade turística. A capital catarinense passa a ser representada na mídia como a cidade do “lazer” ou do “ócio”. Ao mesmo tempo em que o turismo sugere uma alternativa para novos ganhos, acentua problemas como o da falta de infraestrutura.

**Palavras-chave:** Cidade; Florianópolis; Turismo.

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir do projeto de pesquisa Multiplicidades: histórias e memórias das transformações urbanas de Florianópolis (décadas de 1960 e 1970), orientado pelo professor dr. Luiz Felipe Falcão, do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Graduando da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED – Departamento de História. Bolsista PROBIC do Laboratório de Estudos de Cidades – LEC. Email: [daniel.lunardelli@gmail.com](mailto:daniel.lunardelli@gmail.com).

## Introdução

Na segunda metade do século XX, o Brasil passou por um acentuado processo de transformações urbanas que implicaram rápidas mudanças na maneira de viver e sentir a cidade. Florianópolis, por exemplo, passou por intensas transformações na década de 1970, com a execução dos aterros da baía sul e da baía norte, a construção das pontes Colombo Salles e Pedro Ivo Campos e com os projetos de incentivo ao turismo. Obras que mudaram a paisagem urbana de Florianópolis e que podem ser analisadas a partir da narrativa produzida pela imprensa. Esse trabalho pretende discutir o turismo no quadro das modificações urbanas impulsionadas pelo “milagre” econômico e suas reverberações na imprensa diária através do jornal “O Estado”.

A ideia de “milagre econômico”, que foi utilizada pelo governo civil-militar brasileiro, busca valorizar o crescimento eficaz e prolongado da economia. O termo aparece pela primeira vez no pós-guerra e é utilizado por economistas para se referir à rápida recuperação na década de 1950 da Alemanha Ocidental e do Japão. Tanto o “milagre alemão” quanto o “milagre japonês” fizeram parte da diretriz neoliberal que se opôs ao modelo keynesiano, cuja principal característica previa o controle da economia pelo estado (SINGER, 1982).

O período que ficou conhecido como “milagre brasileiro” está delimitado entre os anos de 1968 e 1971. Nesse curto espaço de tempo, a economia brasileira registrou crescimento de 10 a 11% ao ano. Apesar de os historiadores se referirem ao milagre econômico apenas no período mencionado acima, é possível observar que até o final da década de 1970 registravam-se altas taxas de crescimento do PIB. Se analisarmos o crescimento do PIB nos anos subsequentes (1972 até 1978), veremos uma média de crescimento de 8% ao ano, o que comprova o ritmo elevado da economia (PRADO, 2009). No caso de Florianópolis, há uma série de indícios que apontam para a reverberação do “milagre econômico” no percurso de toda a década de 1970.

## 1. O Uso de Jornais na Pesquisa

O presente artigo foi escrito a partir de pesquisa realizada no acervo da biblioteca municipal de Florianópolis em notícias publicadas no jornal “O Estado” nos meses de janeiro, fevereiro e dezembro da década de 1970. A intenção foi a de abarcar os meses que pudessem apontar indícios da incorporação maciça do turismo na cidade, pois é nas férias de veraneio que a cidade recebe um maior número de visitantes. O contato com o periódico permitiu constituir um painel de uma série de representações de urbanidade, seja pelas cartas dos leitores, pelos editoriais, charges, fotos ou pelas matérias publicadas na editoria de Cidades.

Há, portanto, nesse primeiro contato com as fontes, inúmeras possibilidades de análise sobre a maneira como Florianópolis era representada naquele momento. Aqui cabe lembrar a reflexão de (DE LUCA, 2008) sobre os periódicos, cujos suportes materiais e técnicos são carregados de historicidade. A fonte não é um objeto isolado, pelo contrário, seu conteúdo e sua forma “não podem ser dissociados do lugar ocupado pela publicação”.

A escolha de “O Estado” para o levantamento das fontes e sua posterior análise se justifica pela projeção que a empresa jornalística possuía em todo o estado no período estudado, sendo reconhecido com um dos maiores jornais, senão o maior, de Santa Catarina. O jornal era ligado ao Partido Social Democrático (PSD) e tinha como principal concorrente na década de 1950 o jornal “A Gazeta”, que apoiava o partido União Democrática Nacional (UDN).

No final da década de 1950, “O Estado” deu início a um projeto de reestruturação gráfica e adquiriu novos equipamentos. O que o diferenciou dos demais periódicos e deixou o seu principal concorrente para trás. Vinte anos depois dessa primeira reestruturação, “O Estado” passou por nova reformulação.

Ao colocar, lado a lado, uma edição da década de 1960 e outra da de 1970, é possível observar o impacto dessas mudanças. O jornal ampliou o espaço dado a fotos e notícias vindas de agências internacionais e intensificou a publicação de reportagens sobre a cidade. Nesse período, é interessante

destacar que foram contratados pelo jornal jornalistas vindos de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo (VALENTE, 2005).

Diferente da narrativa linear dos jornais, a narrativa historiográfica nem sempre segue este modelo. Walter Benjamin (1994), em suas teses “sobre o conceito da história”, critica o determinismo histórico e propõe uma nova relação entre passado e presente, em que conta mais a experiência do que a passagem do tempo. Diferente do que os livros didáticos de História propõem, ao narrar os fatos num sentido de continuidade, a realidade que vivemos não segue essa mesma linearidade.

O que Benjamin pretende combater é o tempo do “progresso” que se apresenta como “vazio e homogêneo”. Ele transcorre sem qualquer tipo de compromisso com um destino final. Aqui podemos evocar a imagem de um carro de corrida que busca quebrar um recorde de velocidade numa grande reta. A história, ao contrário do carro que quer alcançar rápido o destino, é “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”. Esse tempo de “agoras” carrega consigo as possibilidades de aceleração, recrudescimento, desaceleração e de parar. É um tempo capaz de voltar atrás.

Se observarmos o nosso cotidiano teremos alguns exemplos de como podemos experimentar o tempo de várias maneiras. Quando ouvimos uma música nos damos conta de que o seu tempo é circular. Ela inicia com um tom, modula, modula, até retornar ao tom inicial. Ou ainda, como uma viagem de férias pode passar rápido para nossa percepção enquanto que uma reunião de trabalho pode parecer eterna. O que se pretende dizer é que o tempo pode ser apreendido de forma diferente pelas pessoas, em múltiplas circunstâncias.

O leitor deste artigo pode estranhar à primeira vista as idas e vindas que o texto faz com o período estudado. Mas os avanços e recuos no tempo partilham dessa tentativa de romper com a narrativa linear.

## 2. O “Milagre” na Cidade

Na década de 1970, houve uma intensa mobilização, por parte de grupos políticos e empresariais, para transformar Florianópolis em um centro urbano de referência. O editorial de 30 de dezembro de 1972 do jornal “O Estado” chamou de “progresso” as obras que estavam sendo construídas e que mudavam o visual da cidade radicalmente como o aterro em frente ao Miramar<sup>3</sup>, mesmo que para uns o aterro significasse o adeus às pescarias de caniço e a despedida ao mar tranquilo que espelhava os edifícios. “Agora a água já está longe, muito longe”<sup>4</sup>. Um sentimento de luto pela perda da velha cidade e de euforia pela moderna, que se erguia, se misturavam nesse intenso panorama de alterações cujas disputas discursivas tencionavam entre a preservação da primeira e a valorização da segunda.



Fig. 1: Populares observam os trabalhos da draga Sergipe no aterro da baía sul.  
Fonte: O Estado, 15/12/1972.

<sup>3</sup> Construído em 1928, com um trapiche que avançava vinte metros no mar, foi um espaço que congregou diferentes usos como o de café, bar, restaurante, teatro e por onde circularam pescadores, boêmios, poetas, políticos, crianças. Até 1972, quando se iniciou o aterro da baía sul, ele representou o ponto de intimidade entre os florianopolitanos e o mar. Mas no início daquela década o seu precário estado de conservação indicava outros rumos para os espaços públicos da cidade. Do glamour que ostentou entre as décadas de 1930 e 1950, o Miramar encontrava-se “com telhas quebradas, estacas corroídas pelo tempo, paredes descascadas, sem pintura adequada e usado, inclusive, como mictório público”. Este exemplo demonstra que a imagem de uma cidade ligada ao passado colonial, provinciana e atrasada era rejeitada naquele momento, ao menos por parte do poder público (NONNENMACHER, 2007. p. 307).

<sup>4</sup> O Estado. Florianópolis, 16/12/1972, Coluna Paiol, p. 4.

A confiança num futuro próximo e promissor expressa no jornal “O Estado” com a manchete “A nova Florianópolis”<sup>5</sup> deve-se à elevada taxa de crescimento do Estado de Santa Catarina, que atingiu 16% no primeiro ano da década de 1970<sup>6</sup>. Ao menos para alguns, atingir o novo significava vencer “as dificuldades históricas que retardaram as conquistas políticas, sociais e econômicas que nos estão reservadas”<sup>7</sup>.

Diante desse quadro econômico favorável, quem folheasse os jornais da época teria a rápida impressão de que a capital do estado estava “definitivamente numa faixa de desenvolvimento irreversível”<sup>8</sup>. Os projetos de remodelação da cidade em curso apontavam para o recebimento de significativos recursos tanto da esfera pública quanto da privada<sup>9</sup>.

No primeiro mês de 1974, um editorial do jornal “O Estado” chamava atenção para a finalização de duas obras de grande porte: a nova ponte<sup>10</sup> e o aterro da baía sul. Dois empreendimentos financiados pelo governo do estado que mudaram profundamente a cidade<sup>11</sup>. Essas transformações podem ser percebidas pelo relato de pessoas que retornavam à cidade depois de algum tempo fora. Como é o caso dos leitores do jornal que comunicaram a surpresa ao ver Florianópolis “crescer tão rapidamente em apenas cinco anos”<sup>12</sup>. Tendo em vista os novos “edifícios, novas estradas, início de construção da nova ponte, televisão, praias popularizadas e jornais de gabarito”<sup>13</sup>.

---

<sup>5</sup> O Estado. Florianópolis, 23/1/1973, Editorial: A nova Florianópolis, p. 4.

<sup>6</sup> O Estado. Florianópolis, 5/1/1971, Editorial: Um exemplo e uma certeza, p. 4.

<sup>7</sup> O Estado. Florianópolis, 2/1/1971, Editorial: Prenúncios de 71, p. 4.

<sup>8</sup> O Estado. Florianópolis, 7/1/1971, Editorial: Buraco, p. 4.

<sup>9</sup> Florianópolis deveria ser o polo urbano privilegiado em Santa Catarina, síntese do desenvolvimento estadual, atraindo investimentos públicos e privados, sendo o núcleo integrador e aglutinador das diversas regiões de Santa Catarina, que apresentavam características mais ou menos autônomas e com a dinâmica econômica dependente de outros Estados da federação (LOHN, 2002.p.420)

<sup>10</sup> Somente para execução do projeto da nova ponte, o governo Colombo Salles viabilizou 12 milhões de dólares no ano de 1972, financiados junto à empresa americana Western Pennsylvania. A negociação contou com o apoio direto do então presidente Médici. O Estado. Florianópolis, 8/12/1972, p. 3

<sup>11</sup> A cidade de Florianópolis recebeu investimentos vultosos por parte dos governos federal e estadual, evidenciados por um enorme crescimento urbano e diversas transformações que alteraram quase completamente sua fisionomia. Essas profundas transformações na cidade, de caráter físico e simbólico, influenciaram diretamente seu desenvolvimento posterior, seja na constituição da população ou na mudança abrupta de sua configuração urbana. (ORLANDI, 2009. p. 14).

<sup>12</sup> O Estado. Florianópolis, 5/1/1973, Cartas: Prefeitura, p. 4

<sup>13</sup> O Estado. Florianópolis, 24/2/1973, Cartas: Transformação, p. 4

Transformações que, na visão de alguns grupos políticos, empresarias e de moradores, faziam com que Florianópolis deixasse para trás os contornos da cidade pacata. “A capital entra no ritmo do progresso, com tendências a, em breve, se transformar em grande centro de concentração urbano”<sup>14</sup>. Para o bem ou para o mal, ganhar a feição e aparelhagem de uma grande cidade oferecia além das oportunidades de ganhos, os dissabores sociais enfrentados pelas metrópoles. Como, por exemplo, cada vez mais frequentes problemas envolvendo o trânsito, o crescimento do mercado informal e de moradores de rua.

Esses sinais de modernidade e mudanças encontravam ressonâncias, por exemplo, no anúncio da transportadora “Expresso Florianópolis”, que trazia o desenho de um caminhão da empresa, ligando a capital às principais cidades do país (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba)<sup>15</sup>. Agora, portanto, Florianópolis estaria ligada material e simbolicamente aos outros centros do país:

Firma-se a convicção de que a cidade estaria no meio de uma escala evolutiva entre o passado e o futuro, bastando investir maciçamente em grandes obras, alcançar o padrão de consumo das grandes capitais e atingir as metas definidas pelos estrategistas e planejadores de políticas públicas. Significava um engajamento intenso num universo simbólico há muito definido nas sociedades ocidentais, ou seja, a idéia de futuro como corolário do progresso (LOHN, p. 372).

Portanto duas cidades estão postas face a face. A provinciana e a cosmopolita. Nesse sentido, Fantin (2000, p. 24) aponta que este enfrentamento permite perceber a riqueza da cidade em suas diferentes formas de ser pensada. Ao mesmo tempo em que se lamenta o afastamento do mar com o aterro da baía sul, há um número de pessoas que observa diariamente os movimentos da Draga Sergipe, que era usada para aterrar o terreno. O equipamento quebrava a rotina da cidade e tornava-se “ponto turístico”

---

<sup>14</sup> O Estado. Florianópolis, 16/1/1973, Cartas: Transformação, p. 4

<sup>15</sup> O Estado. Florianópolis, 2/2/1972, p. 3

arrebatando até “os habituais frequentadores da figueira”<sup>16</sup>, ao menos provisoriamente, de “suas cadeiras cativas”<sup>17</sup>.

O apelo ao “progresso” e melhores condições de vida não é exclusividade das camadas médias, de grupos políticos e empresariais. A população da ilha ligada à pesca, por exemplo, reivindicava ampliação da rede elétrica pela Celesc, a fim de permitir o armazenamento de peixes nos períodos de grande safra<sup>18</sup>. No entanto, logo “descobriram não só as virtudes, mas os problemas do progresso” (FANTIN, 2000) como trânsito intenso, poluição do mar e novos padrões sociais.

A instalação das empresas estatais Eletrosul<sup>19</sup>, Celesc<sup>20</sup>, Telesc<sup>21</sup> e a fundação da UFSC e da Udesc, durante a década de 1960, propiciaram as “condições para que novas camadas médias fossem incorporadas à cidade” (LOHN, 2002). Esse novo quadro econômico fez com que viessem para a cidade profissionais de todo o país e do estado, trabalhadores ligados a áreas de nível técnico e superior e grupos de empresários que buscavam elevar o padrão de vida da cidade<sup>22</sup>.

Portanto, a chegada dos de “fora” também contribuiu para “mudanças no cenário da cidade, nos bairros, nas ruas e nos morros” (FANTIN, 2000). José Elizeu da Silva, morador do bairro de Cacupé, dono de um armazém na localidade, sinalizava a mudança. Para ele, a chegada dos turistas coincidiu com a “decadência do lugarejo”<sup>23</sup>. Muitos moradores locais venderam suas

---

<sup>16</sup> O Estado. Florianópolis, 3/12/1972, Ocupação: espiar a draga, p. 16.

<sup>17</sup> O Estado. Florianópolis, 3/12/1972, Ocupação: espiar a draga p. 16.

<sup>18</sup> O Estado. Florianópolis, 25/1/1972, Coluna Gustavo Neves, p. 4.

<sup>19</sup> A Eletrosul Centrais Elétricas S. A. é uma empresa subsidiária da Centrais Elétricas Brasileiras S. A. – Eletrobrás e vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Foi constituída em 23/12/1968 e autorizada a funcionar pelo Decreto nº 64.395, de 23/4/1969. É uma sociedade de economia mista de capital fechado e atua nas áreas de geração e transmissão de energia elétrica.

<sup>20</sup> A Centrais Elétricas de Santa Catarina S. A., Celesc, é uma sociedade de economia mista que atua desde 1955 nas áreas de geração, transmissão e distribuição de energia. Durante esse período, consolidou-se como uma das maiores empresas do setor elétrico brasileiro.

<sup>21</sup> Telecomunicações de Santa Catarina (Telesc) foi a empresa operadora de telefonia do grupo Telebrás no estado brasileiro de Santa Catarina antes de sua privatização. Foi absorvida pela Brasil Telecom, que durante a transição foi denominada Telesc Brasil Telecom, que foi depois absorvida pela Oi.

<sup>22</sup> Foi da ordem de 19,71% o aumento do custo de vida registrado em Florianópolis no exercício de 1971, índice superior em 2,19% ao registrado em 1970. A constatação foi feita pela ESAG, que efetua mensalmente um levantamento sobre o comportamento do custo de vida nesta Capital. O Estado. Florianópolis, 13/1/1972, Contracapa: Custo de vida subiu 19,71%, p. 12.

<sup>23</sup> O Estado. Florianópolis, 9/12/1973, p. 9.

propriedades mediante a oferta dos recém-chegados. Principalmente após a conclusão da estrada asfaltada que passou a ligar Canasvieiras ao Centro de Florianópolis, facilitando a utilização do balneário como grande atração turística naquele momento.

Florianópolis tornou-se palco de tensões entre os antigos e os novos moradores, como observa Fantin (2000). Segundo a autora, a partir da década de 1970 é possível perceber o “contraste nos modos de vida, confrontos de valores, disputa de mercado de trabalho, disputa de terra” (FANTIN, 2000, p. 37).

Esse processo caminhou para uma clara divisão entre os grupos que a autora denominou de nativos e de estrangeiros. Havia até uma distinção clara entre eles na ocupação do espaço físico da cidade. Moradores mais antigos costumavam se referir a alguns espaços como “rua dos paulistas” e “rua dos gaúchos”.

Parece pertinente compreender a relação entre os dois grupos a partir da dinâmica estabelecidos-outsiders (ELIAS, 2000). A definição desse embate permite localizar “diferentes experiências e sentimentos pela cidade” (FANTIN, 2000). Os estabelecidos seriam os detentores das tradições, cujas experiências partilham de costumes já assentados há gerações e que desejam preservá-las<sup>24</sup>. Enquanto que os *outsiders* trazem consigo novos hábitos que são vistos com receio pelos antigos moradores.

Os sinais de mudança podem ser notados por reclamações. De repente são comuns cartas endereçadas ao jornal ou abaixo-assinados articulando moradores de bairros que não toleram criadores de animais. Isso revela uma nova postura frente às práticas até então comuns na cidade, mas que deixam de ser unânimes diante de um novo contexto. As reclamações são estendidas também às más condições sanitárias de pontos estratégicos para o turismo, como bares e restaurantes.

---

<sup>24</sup> Para o grupo nuclear da parte antiga de Wiston Parva, o sentimento do status de cada um e da inclusão na coletividade estava ligado à vida e às tradições comunitárias. Para preservar o que julgavam ter alto valor, eles cerravam fileiras contra os recém-chegados, com isso protegendo sua identidade grupal e afirmando sua superioridade (ELIAS, 2000 p. 25).

A invocação por hábitos de higiene está sempre presente nas reclamações. Como o morador das proximidades do mercado do Estreito que critica, através de uma carta enviada ao jornal “O Estado”, o descaso da peixaria que atira os peixes estragados ao mar, mas que com o tempo e a maré “voltam a dar na praia um pouco adiante, justamente atrás de nossas casas onde apodrecem”<sup>25</sup>. Assim como os moradores da Vila Operária no Saco dos Limões cuja principal repulsa é por um vizinho que mantém no seu terreno a criação de vacas e cabras, “ocasionando distúrbios na vizinhança, tanto pela sujeira dos detritos dos animais quanto pelo mau cheiro que exala do curral, prejudicando o sossego e a saúde dos formatários”<sup>26</sup>.

Na perspectiva de Elias (2000) a relação estabelecidos-*outsiders* coloca muitos conflitos em jogo, mas todos convergem na luta para “modificar o equilíbrio do poder”. Neste sentido, expectativas em relação às mudanças que a cidade vinha enfrentando são apreendidas pelos dois grupos. O grupo dos estabelecidos lamenta a perda da cidade, seja pelo rompimento de antigos laços ou pela “invasão” dos *outsiders* que usufruem das possibilidades que a cidade oferece. Esses últimos, em alguns casos, possuíam um capital cultural diferenciado, o que permitiu observar e angariar lucros com o potencial turístico que aqui se destacava naquele momento. A esse panorama Fantin, (2000) chamou de disputa da cidade.

O crescente espaço ocupado pelos anúncios de bens de consumo no jornal O Estado mostra que há uma demanda a ser atendida para esta nova classe. Páginas inteiras colocam ao alcance dos leitores não só produtos, mas também novos valores que devem representar o estilo de vida das grandes cidades como apartamentos, eletrodomésticos, móveis e carros. Às vésperas do Natal de 1972 a procura pelas televisões em cores é o grande destaque<sup>27</sup>. Através desses traços percebe-se que Florianópolis começava a incorporar os novos padrões de consumo de massas<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> O Estado. Florianópolis, 6/12/1973, Cartas: Mercado – Carlos Oliveira, p. 4.

<sup>26</sup> O Estado. Florianópolis, 25/1/1973, No Saco, vaca e cabra estão criando problema, p. 3.

<sup>27</sup> O Estado. Florianópolis, 3/12/1972, Aumenta a venda de tevê em cores em Florianópolis, p. 9.

<sup>28</sup> A nova classe média está, em geral, plenamente integrada nos padrões de consumo moderno de massas, de alimentação, de vestuário, de higiene pessoal e beleza, de higiene da casa. Tem todas as maravilhas eletrodomésticas, inclusive a TV em cores, 21 polegadas (de 1972, quando começou a ser produzida, a 1979, foram

É possível observar que, durante esse mesmo período, o crescimento da cidade também esteve atrelado ao milagre econômico<sup>29</sup>. A vida social brasileira sofria com o arrocho salarial, obrigando o núcleo familiar a submeter mais indivíduos à força de trabalho com o intuito de aumentar a renda para compensar os baixos salários. No entanto, para uma pequena parcela da população pertencente às classes A e B a renda aumentou.

Mais do que adoção local dos novos padrões de consumo, portanto, era preciso incorporar no plano político o caminho “desenvolvimentista” que o governo militar trilhava. Por isso, ao assumir a cadeira da Presidência da Câmara, o vereador Waldemar da Silva Filho reiterou as diretrizes para o futuro de Florianópolis, cujo caminho deveria estar em conformidade com o “processo de marcha para o progresso.” Seria a grande oportunidade de a cidade “participar do surto desenvolvimentista que sacode o Brasil”<sup>30</sup>.

Embora as intervenções urbanas possam indicar as muitas mudanças em curso, destaca-se cada vez mais os inúmeros problemas e entraves que a capital deveria enfrentar e resolver para concretizar o plano de se tornar referência turística, o que a colocará em luta permanente contra a falta de infraestrutura.

Aqui parece pertinente abordar a expectativa e a preparação em torno do turismo naquele momento e se, de fato, ela se concretiza. Por isso, faz-se necessário olhar com atenção para o carnaval, evento considerado estratégico para atrair turistas para a cidade. Fantin (2000) observa que as festas possibilitam “pensar a cidade, seu imaginário, e aprender aspectos da sua dinâmica cultural”. Principalmente no que move o carnaval como uma festa capaz de projetar Florianópolis no circuito turístico do país. É interessante observar como as escolas de samba incorporam nos temas carnavalescos

---

vendidos cerca de 4,5 milhões de aparelhos). Tem telefone. Tira férias e viaja com a família pelo Brasil, de avião ou de carro; hospeda-se em hotéis “razoáveis”. Mas talvez o símbolo de status mais significativo seja o automóvel, trocado a cada ano ou a cada dois anos. O automóvel e o apartamento classe-média (MELLO, 2002.p.631-632).

<sup>29</sup> O *boom* iniciado em 1968 teve como causa básica uma política liberal de crédito que encontrou a economia, após vários anos de recessões, com baixa utilização da capacidade produtiva, taxas relativamente altas de desemprego e custo reduzido da mão-de-obra de pouca qualificação. A isto deve ser aduzida uma grande propensão a consumir das camadas de rendas elevadas. O crescimento bastante rápido que se verificou foi a resposta natural da economia a estas condições (SINGER, 1989.p.61).

<sup>30</sup> O Estado. Florianópolis, 9/2/1972, p. 12.

representações que fazem parte da estratégia de propaganda da indústria turística como a exaltação as belezas naturais e da cultura local.

### 3. O Turismo como uma Maneira de Vender a Cidade

A temporada de verão no ano de 1980 foi significativa para Florianópolis. Em 20 de janeiro daquele ano, o jornal “O Estado” destacava na primeira página: “‘Invasão’ de argentinos vai até o mês de março”<sup>31</sup>. Num plano maior, a foto principal estampava duas moças que desfilavam pelo Centro da cidade carregando colchonetes; em outra foto, duas mulheres estáticas no meio da rua exibiam um semblante de preocupação; a legenda descrevia: “A cidade mal sinalizada deixa os turistas confusos”. Essas imagens se juntavam ainda a flagrantes de argentinos reunidos em grupos na praia ou comprando roupas nas lojas da cidade.

Uma única página de jornal nos sugere algumas das questões que estavam colocadas naquele momento para a promoção do turismo na cidade. Primeiro, uma visível euforia por parte da imprensa ao descrever a chegada de tantos turistas num curto espaço de tempo. Na mesma página, o periódico informa que os argentinos “continuam chegando em massa às praias locais”. Do mês de dezembro de 1979 até aquele momento, o número de turistas provenientes da Argentina atingia a marca de 150 mil. É importante destacar que o termo “massa” associado ao turismo<sup>32</sup> pressupõe, segundo Boyer (2003), uma modalidade do consumo de massa, onde está presente o desejo pelo lazer e pela cultura, vividos de forma mais intensa entre as décadas de 1950 e 1980.

Portanto, o turismo de massa coloca para os locais, que receberão um enorme fluxo de pessoas, a necessidade de medidas capazes de acomodá-las ou bem servi-las, tema este por demais caro às ambições florianopolitanas de se transformar em centro turístico. De imediato, a “invasão” dos turistas argentinos representava muitos ganhos. Na mesma edição, se destaca o

---

<sup>31</sup> O Estado. Florianópolis, 20/1/1980, p. 1.

<sup>32</sup> Turismo é um conjunto dos fenômenos resultantes da viagem e da estadia temporária de pessoas fora de seu domicílio, na medida em que este deslocamento satisfaz, no lazer, uma necessidade cultural da civilização industrial (BOYER, 2003. p. 16).

consumo voraz por eletrodomésticos como os televisores, que chegavam a custar três vezes menos no Brasil. A matéria descrevia: “A situação para os comerciantes de Florianópolis nos primeiros 15 dias de janeiro, considerado um ‘tempo de vacas magras’, nunca esteve tão bem em termos de faturamento”<sup>33</sup>.

Naquele ano, especificamente, o comércio faturava mais do que nos anos anteriores, não só pela grande quantidade de turistas, mas pelo câmbio favorável. Guido Fretes, turista de Córdoba, explicava que eles tinham “a vantagem de ganhar Cr\$ 15,00 em cada dólar ‘cambiado’”. Eles gastam com o turismo apenas o lucro obtido na transação”<sup>34</sup>.

Dois dias depois, o então o secretário de Finanças da prefeitura, Ricardo Carioni, destacava que o grande retorno de ICM estava ligado ao turismo. No entanto, salientava o secretário: “O benefício será maior, na medida em que esse grande movimento de compras se torne frequente e não sazonal, como vem ocorrendo de dezembro a março na capital”<sup>35</sup>.

Embora a “invasão” estivesse em curso e parte dos planos turísticos elaborados a partir da década de 1960 começasse a tomar corpo, o turismo como atividade ainda engatinhava e não era capaz de manter o mesmo volume de ganhos durante todo um ano. Além dos problemas de infraestrutura que iremos abordar mais adiante, há aqueles que envolvem o relacionamento entre os visitantes e os nativos. A opção pelo turismo pressupõe que os moradores locais sejam receptivos aos “estrangeiros”, o que nem sempre ocorria.

Na sua coluna do dia 23 de janeiro, o jornalista Beto Stodieck relata a seguinte confusão entre um morador do Sambaqui e um casal de turistas argentinos:

[...] E é o próprio ex-deputado quem conta o que lhe aconteceu. Estava ele recebendo inúmeros convidados para passar o dia – o almoço tinha terminado e muitos deles sob o sombreado encontravam-se quando eis que para diante do seu terreno – porém na parte do lado de lá em direção ao morro – um automóvel com reveladoras placa argentina – e nem era preciso ver placa para sacar origem...

<sup>33</sup> O Estado. Florianópolis, 20/1/1980, Na ilha, cheios de dólares, eles compram tudo, p. 16.

<sup>34</sup> O Estado. Florianópolis, 20/1/1980, Na ilha, cheios de dólares, eles compram tudo, p. 16.

<sup>35</sup> O Estado. Florianópolis, 22/1/1980, Município consegue maior retorno de ICM. Motivo: o turismo, p. 16.

Do interior, salta casal – com o presumível marido portando cadeirinha, dessas de armar. Arma a cadeira que é instalada igualmente sob a árvore, com a mulher, ainda jovem que nem o marido, sentando-se com ares de dona. O marido, acatando ordens da patroa, abre o porta-malas de onde retira serrote imediatamente posto em ação contra uma bananeira frutificando enorme e apetitoso cacho – isso tudo sob ordens da mulher que da sua cadeirinha apontava aqui e ali...

Antonio Almeida, sentindo o que estava pra acontecer, imediatamente pula do seu sombreado e vai, de dedo em riste, dizendo que aquele terreno ali lhe pertence e que eles se pusessem imediatamente pra fora. O marido ainda tentou educadamente justificar-se a base de “solamente la bananita” – com a petulante mulher aos berros de desacato contra o corte do barato [...]<sup>36</sup>.

Episódios como esse mostram que nem sempre os turistas eram bem-vindos, eles precisam obedecer a determinados limites. O caso ainda sugere traços da problemática ocupação imobiliária na Ilha de Santa Catarina onde fica difícil separar o público do privado.

Esses exemplos colocam em questão a suposta “vocação” turística da cidade de Florianópolis. Como salienta Márcia Fantin, essa indústria “desencadeou uma nova configuração urbana” além de acelerar as mudanças na cidade, mas também “no modo de vida dos antigos moradores e no perfil da sua população atual” (FANTIN, 2000).

O turismo é objeto de estudo importante neste período. Durante toda a década de 1970 há um intenso debate nos jornais sobre os caminhos que o turismo deve tomar, seja através de campanhas de divulgação da cidade em outros estados ou nas melhorias da infraestrutura que o poder público e a iniciativa privada deveriam viabilizar. Além disso, intensifica-se a promoção de festas de apelo popular como o carnaval que seria capaz de promover a cidade.

No entanto, o desejo de transformar Florianópolis em uma cidade referência no turismo é anterior à década que estamos estudando. O historiador Sérgio Ferreira (1998), em seu estudo “O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina”, observa que há marcos importantes para o desenvolvimento do turismo em Florianópolis e no estado.

---

<sup>36</sup> O Estado. Florianópolis, 23/1/1980, Coluna Beto Stodieck, La bananita de los porteños, p. 10.

O autor lembra que em fins de 1930 Canasvieiras teria seu primeiro hotel inaugurado, embora só estivesse aberto entre os meses de janeiro e fevereiro. No ano de 1946, o jornal “O Estado” publica o artigo: “Como transformar Florianópolis em centro de turismo” (FERREIRA, 1998). No entanto, esse momento ainda não possuía qualquer ação efetiva do poder público para o turismo. Somente em 1960, quando a Fiesc realiza um seminário, é que se publica o primeiro documento sobre o assunto. Nele estão descritos os motivos para se incentivar o turismo como a exuberância da natureza e o favorecimento do local para a prática de esportes.

Após a publicação do documento da Fiesc, em julho de 1965, cria-se o Serviço Estadual de Turismo no governo de Celso Ramos. Em 1968, é criado o Deatur (Departamento Autônomo de Turismo) e o Conselho Estadual de Turismo. Dois anos depois, o Codesul e o Deatur publicaram o estudo “O Turismo em Santa Catarina”. Nesse estudo, são ressaltadas “as potencialidades de Santa Catarina, políticas de turismo, dos fomentos necessários, é traçado um pequeno histórico da evolução da ocupação das praias”.

O impulso do turismo na capital no início da década de 1970 pode ser observado em âmbito nacional a partir da finalização das obras da BR-101, que facilitaram o acesso a todo o litoral catarinense, permitindo chegar ao Rio de Janeiro em menos de “48 horas”<sup>37</sup>. A conclusão da BR-282<sup>38</sup> também fez com que de fato existisse a integração do litoral com o interior do estado, encurtando também o caminho de viagem dos turistas platinos. Essas obras trouxeram novas esperanças para o turismo, porque enquanto durou o “problema rodoviário” não se poderiam ter “aspirações mais ousadas em relação ao turismo”<sup>39</sup>. Já no espaço local foi fundamental a conclusão da estrada asfaltada até os balneários de Canasvieiras e Ingleses<sup>40</sup>. Naquele

---

<sup>37</sup> O Estado. Florianópolis, 20/8/1971, Editorial: A BR é nossa, p. 04.

<sup>38</sup> Concorrência pública para a elaboração dos projetos finais para o trecho Florianópolis – Lages da BR-282 será aberta nos próximos trinta dias, ao passo que o trecho São Miguel do Oeste – Campos Novos, da mesma rodovia, deverá estar concluído até final de fevereiro. O Estado. Florianópolis, 27/1/1974, p.13.

<sup>39</sup> O Estado. Florianópolis, 11/1/1971, Editorial: Etapa decisiva, p. 4.

<sup>40</sup> Esses novos balneários da Ilha tornavam-se espaços para a reprodução de status e posições de classe privilegiadas, enquanto que nas periferias de Florianópolis e dos municípios em torno, estavam localizados os grupos sociais que conseguiam, no máximo, uma inclusão subordinada no espaço da cidade (LOHN, 2002. p. 383).

momento a estrada representou um importante avanço “no sistema de infraestrutura turística”<sup>41</sup> da cidade.

Esperava-se que com as obras aumentassem os investimentos empresarias “à exploração de tamanhas possibilidades”<sup>42</sup>, uma vez que estavam abertos os caminhos para “a rendosa indústria turística”<sup>43</sup>. De fato, os investimentos chegaram, como aponta o colunista Gustavo Neves, ao saudar com entusiasmo na Ilha os “pomposos edifícios e centros turísticos, inclusive hotéis convenientemente instalados”<sup>44</sup>. No mês seguinte, o jornal noticiava a campanha do governo estadual estimulando os “empresários a investirem em empreendimentos catarinenses os recursos dedutíveis do Imposto de Renda, chamando atenção para o turismo”<sup>45</sup>.

Há nesse momento uma série de medidas por parte do governo do estado a partir do Deatur de divulgação do estado e de suas atrações. O setor turístico passou a contar com apoio de organizações como o BESC-Turismo, que ajudava na “divulgação dos potenciais exploráveis pelo tino empresarial”<sup>46</sup>. Como chama atenção o colunista Gustavo Neves a expansão do turismo não dependia exclusivamente de medidas do estado. Ao contrário, deveriam trabalhar em parceria o setor público e o privado para explorarem os “potenciais imensos à espera”<sup>47</sup>.

Nota-se uma constante valorização das “imensas reservas paisagísticas”<sup>48</sup>. A representação do ideal de beleza natural da Ilha tem inclusive repercussão nos enredos das escolas de samba da cidade e neles se exaltava a exuberância natural de Florianópolis e do estado, ao mesmo tempo em que se valoriza o perfil empreendedor do catarinense. “Junta-se agora à inteligente intervenção de homens empreendedores”<sup>49</sup>. Aqui cabe lembrar Canclini (1983), quando diz ser “a fascinação nostálgica pelo rústico e pelo

---

<sup>41</sup> O Estado. Florianópolis, 04/01/1974, Editorial: Caminho do Progresso, p. 4.

<sup>42</sup> O Estado. Florianópolis, 04/01/1974, Editorial: Caminho do Progresso, p. 4..

<sup>43</sup> O Estado. Florianópolis, 04/01/1974, Editorial: Caminho do Progresso, p. 4..

<sup>44</sup> O Estado. Florianópolis, 19/1/1972, Coluna Gustavo Neves: Empresa e Turismo, p. 4.

<sup>45</sup> O Estado. Florianópolis, 13/2/1972, Editorial: Promoção permanente, p. 4.

<sup>46</sup> O Estado. Florianópolis, 15/2/1974, Coluna Gustavo Neves: Incremento ao Turismo p. 4.

<sup>47</sup> O Estado. Florianópolis, 19/1/1972, p. 4.

<sup>48</sup> O Estado. Florianópolis, 15/2/1974, p. 4.

<sup>49</sup> O Estado. Florianópolis, 22/2/1972, Editorial: A Turística Florianópolis, p. 4.

natural” uma operação comum feita pelo turismo. Assim o plano turístico começa a ganhar contornos comerciais mais amplos, especialmente quando o governo municipal viabiliza um ponto de venda na Lagoa da Conceição para o “artesanato de tradição”<sup>50</sup>, produzido pelo grupo de rendeiras Assori<sup>51</sup>.

Ainda que o sistema capitalista proponha a homogeneidade urbana e o conforto tecnológico como modelo de vida, mesmo que o seu projeto básico seja apropriar-se da natureza e subordinar todas as formas de produção à economia mercantil, esta indústria multinacional que é o turismo necessita preservar as comunidades arcaicas como museus vivos (CANCLINI, 1983).

Canclini se refere a essa fascinação nostálgica pelo rústico para promover o turismo como uma proposta de criar “museus vivos” e nesse sentido é possível pensar nas estratégias utilizadas pelo governo para criar a “Primeira Feira Típica da Ilha”<sup>52</sup>. Durante quinze dias, a feira expôs um engenho de farinha, no “estilo açoriano”, e a “confecção e exposição de mantas, confecção manual de corda de cipó, confecção manual de corda de piteira, exposição de rede de pesca artesanal, confecção e exposição de tarrafa, de esteira, confecção de balaio e tipiti, exposição de carro de boi”<sup>53</sup>, além das folgedos populares como o pau-de-fitas e o terno-de-reis. Aldirio Simões, o idealizador da feira e importante jornalista da cidade, comentava que a “TV Educativa de São Paulo irá fazer um filme sobre a Feira Típica da Ilha, que será distribuído, posteriormente, a todos os canais do país”<sup>54</sup>.

O então chefe do departamento de sociologia da UFSC, Nereu do Vale Pereira, assinalava: “O turismo baseado apenas em praia já não é atrativo para correntes permanentes de turistas.”<sup>55</sup> E mesmo a grande quantidade de turistas no verão não era garantia de permanência constante na Ilha. É o que alerta o jornal “O Estado” quando registra a queixa de alguns hotéis. Segundo consta,

---

<sup>50</sup> O Estado. Florianópolis, 14/1/1972, Editorial: ASSORI empossa sua diretoria, p. 4.

<sup>51</sup> A partir desse momento, as populações do interior da Ilha de Santa Catarina, que geralmente apresentavam condições de vida precárias e que não recebiam a atenção do poder público, são lembradas como motivos folclóricos, capazes de ajudar na movimentação da nova economia turística (LOHN, 2002. p. 407).

<sup>52</sup> O Estado. Florianópolis, 15/12/1978, No aterro da Baía Sul, a partir de hoje, a Primeira Feira Típica da Ilha, p. 16.

<sup>53</sup> O Estado. Florianópolis, 15/12/1978, No aterro da Baía Sul, a partir de hoje, a Primeira Feira Típica da Ilha, p. 16.

<sup>54</sup> O Estado. Florianópolis, 15/12/1978, No aterro da Baía Sul, a partir de hoje, a Primeira Feira Típica da Ilha, p. 16.

<sup>55</sup> O Estado. Florianópolis, 24/12/1972, Editorial: Folclore resiste ao progresso e sobrevive na Ilha de Santa Catarina, p. 4.

o tempo de estada dos turistas era de pouco mais de 24 horas<sup>56</sup>. Muitos alegavam a falta de atrativos.

Para suprir essa deficiência, os anúncios das agências de turismo da capital ofereciam aos turistas fixados na cidade serviços de transporte até Blumenau e Balneário Camboriú, onde eram atraídos por “uma compra bem rentável”<sup>57</sup>. O proprietário de um hotel da cidade concluía na época em entrevista ao jornal que “Florianópolis tomou-se praticamente cidade de pernoite”<sup>58</sup>.

De fato, em pouco tempo as expectativas se materializavam. Em dezembro de 1973, “O Estado” anunciava a “Invasão Platina”<sup>59</sup>. Naquele verão, era previsto um número maior de turistas da Argentina, muito em função da valorização do peso naquele instante. De qualquer forma, mesmo que o fator externo tenha ajudado, percebe-se, nos três primeiros anos daquela década, o crescimento no número de turistas.

Um estudo feito na época pelo Deatur apontou aumento de 60% no fluxo de turistas em todo o estado entre 1971 e 1975<sup>60</sup>. No mesmo ano, sob iniciativa do governo Médici, fora decretado “o ano nacional do turismo”<sup>61</sup>. O governo Colombo Salles se apressou em acompanhar as diretrizes do governo federal e juntamente com o Deatur publicava os “Roteiros Turísticos de Santa Catarina”, em fevereiro de 1973.

As praias, logo o maior atrativo turístico da cidade, tornam-se os maiores alvos de questionamentos. Principalmente, Canasvieiras e Joaquina, que recebem um fluxo constante de visitantes “paranaenses, paulistas, gaúchos e argentinos”<sup>62</sup>. Muitas vezes, Florianópolis é comparada a cidades que também exploram o turismo. Como é o caso do leitor que diz sentir inveja

---

<sup>56</sup> O Estado. Florianópolis, 6/1/1974, Falta Diversão, p. 4.

<sup>57</sup> O Estado. Florianópolis, 1/12/1973, Turismo abre Cidade aos Estados e países do Prata, p. 16.

<sup>58</sup> O Estado. Florianópolis, 14/1/1973, Turismo em Florianópolis com sérias deficiências, p. 16.

<sup>59</sup> O Estado. Florianópolis, 5/12/1973, Editorial: A Invasão Platina, p. 4.

<sup>60</sup> Baseado em dados de 1971, quando chegaram aqui aproximadamente 42 mil turistas, e de 1972, quando este número se elevou para 66 mil, o Deatur realizou estudos e prevê que durante o corrente ano cerca de 105 mil pessoas visitarão nossas cidades e balneários, principalmente na alta temporada, que compreende os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Segundo estes cálculos, em 1974 receberemos 165 mil turistas e, no ano seguinte, cerca de 258 mil pessoas. O Estado. Florianópolis, 31/1/1973, Editorial: A Invasão Platina, p. 3.

<sup>61</sup> O Estado. Florianópolis, 24/2/1973, Coluna Gustavo Neves, p. 4.

<sup>62</sup> O Estado. Florianópolis, 3/2/1973, A Lagoa como ela é, p. 7.

de Recife e Olinda, já que o cuidado especial daquelas cidades não deixa “que os turistas se espantem por problemas de higiene das praias”<sup>63</sup>.

É interessante observar para onde se direcionam as políticas de investimento do turismo na capital. Fantin (2000) observa que o uso do turismo nas mãos da elite local permite também a “exploração imobiliária predatória cuja finalidade maior era negociar paisagens privilegiadas”, ficando em segundo plano o cuidado com meio ambiente local. Na abertura da temporada de 1973, “O Estado” publicava a lista do DASP que elencava as praias livres de poluição, todas nos limites da região oceânica da Ilha e as impróprias para banho, na região continental.

Entre tantas imagens projetadas sobre essa cidade turística, seja da imprensa ou dos leitores do jornal, há também uma resposta a essas duas projeções, a imagem que o turista faz da cidade que ele visita. Nesse sentido, os jornais deixam algumas pistas do que sentem as pessoas que visitam Florianópolis naquela década.

Em dezembro de 1976, “O Estado” publica a matéria: “Como o turista vê a cidade”. Preocupada com o volume cada vez mais representativo de visitantes, que no ano anterior chegara a 100 mil, a matéria procura retirar dos entrevistados o que mais gostaram da cidade. Todos são unânimes ao falar bem das belezas naturais. No entanto, não esquecem de mencionar “o mau atendimento em alguns hotéis, a falta de vida noturna, a ausência de bares, choperias ou transporte fácil e, sobretudo, os preços dos restaurantes”<sup>64</sup>.

Os problemas que se impõem a cidade para exploração do turismo são sentidos de diversas formas. O colunista Marcílio Medeiros reclama da falta de guias turísticos orientando aqueles que chegavam à ilha<sup>65</sup>. Não só a escassez de informação, mas também o despreparo dos profissionais da área espantavam a imprensa da época. Como é o caso do jornalista que auxiliou um casal de turistas a localizar o Museu Vitor Meirelles, após a negativa do porteiro do hotel onde se hospedavam<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> O Estado. Florianópolis, 6/1/1973, Cartas: Paias, Lauro Ricardo Silva, p. 4.

<sup>64</sup> O Estado. Florianópolis, 17/12/1976, Como o turista vê a cidade, p. 16.

<sup>65</sup> O Estado. Florianópolis, 28/12/1972, Turismo no peito, raça e coragem, p. 4.

<sup>66</sup> O Estado. Florianópolis, 12/2/1973, p. 2.

Há inclusive nos jornais registro de conflitos por conta do despreparo e da falta de informações. Uma das notícias conta a história de um garoto treinado pelo Deatur para ser guia na cidade que fora desmentido pelo gerente do hotel onde os turistas estavam hospedados quando fornecia informações sobre as praias da cidade<sup>67</sup>. Na Lagoa da Conceição, um turista português recebeu murros e pontapés depois de reclamar da demora no atendimento:

Eu já estava cá fora, quando eles caíram sobre mim qual um bando de urubus. Queriam trucidar-me. Eu fugi, confesso que fugi de medo. Um homem só a gente enfrenta: dois a gente tenta, mas cinco a gente foge. Assim conta o industrial aposentado Abílio Tarelho, de 55 anos. Na tarde sábado, às 15 horas, ele foi junto com uma excursão de turistas até o Restaurante Leca, na Lagoa da Conceição. Depois de reclamar do péssimo atendimento que lhe foi dispensado, Abílio foi retirado do local pelo guia da excursão. Quando se aproximava do ônibus foi agredido pelo proprietário do restaurante, seus filhos os dois garçons e mais "alguns pescadores que estavam por ali, tomando cachaça", conta o guia turístico que acompanhava a excursão.

Com quatro hematomas nas costas, uma mordida na testa, cinco arranhões no rosto, e um inchaço na perna, que não lhe permitia caminhar, Abílio Tarelho, natural de Portugal, se recolheu ao quarto 305 do Hotel Swensson. Sábado às 16h30min junto com ele foi agredido outro membro da excursão, o português João Cortez, de 70 anos, que recebeu um violento pontapé no calcanhar. Eles vieram de Santos num ônibus da Eldorado Turismo e chegaram a Florianópolis na sexta-feira<sup>68</sup>.

A partir da segunda metade a década de 1970, é possível observar por parte da imprensa um posicionamento diferente do que era tomado até então, projetam-se menos os desejos e sonhos da cidade turística. Parte dessa mudança explica-se pelo fato de que parte dos anseios vislumbrados no início da década já estavam em construção pela cidade. As praias do Norte da Ilha, como Canasvieiras e Jurerê, adquirem status de balneário e recebem a cada ano um volume maior de turistas. Nesse momento, a imprensa passa a destacar com maior frequência o impacto que a cidade sofre em razão do turismo.

Em janeiro de 1978, Ermínio Cardoso, pescador e morador do Santinho, se assustava com o que via. "Eu nunca vi tanta gente reunida na minha vida.

<sup>67</sup> O Estado. Florianópolis, 14/1/1973, p. 16.

<sup>68</sup> O Estado. Florianópolis, 7/2/1977, Turistas reclamam e levam uma surra no bar do Leca, p. 7.

Isto aqui está parecendo uma cidade grande”<sup>69</sup>. Naquele dia, o jornal “O Estado” juntamente com a TV Cultura e o Deatur promoveram na praia do Santinho uma série de atividades com apresentação de grupos de boi-de-mamão, blocos carnavalescos, jogos de futebol de areia e voos de asa delta. Embora a promoção tenha sido um sucesso, segundo a descrição do periódico, a SC-401 permaneceu congestionada do fim da tarde até o anoitecer, quando “mais de cinco mil veículos trafegaram pela rodovia”<sup>70</sup> no que foi considerado o primeiro engarrafamento daquele verão.

No ano anterior, a “caça ao tesouro”, promovida pelo Deatur na praia da Joaquina também ocasionou problemas. A brincadeira, que consistia em achar um baú enterrado com o valor em dinheiro de Cr\$ 5 mil, chamou atenção de tanta gente que durante a madrugada o movimento de pessoas na praia era fora do normal. No meio da tarde, o jornal informava que não se tinha mais o que comer e beber nos restaurantes da praia: “Os comerciantes, surpresos, não entendiam muito bem o que tinha acontecido. Pra eles, a busca ao tesouro era pouco para justificar tanto movimento (havia umas quatro mil pessoas na praia)”<sup>71</sup>.

Os campings da cidade, que foram uma alternativa imediata para aliviar o problema de acomodação dos turistas, também sofriam com a falta de infraestrutura. Lúcio Manoel Vieira, campista de Curitiba, estranhava “não haver banheiro, chuveiro, nem um lugar para trocar de roupa na praia”<sup>72</sup>. Naquele fim de semana, a praia da Armação batia recorde de barracas chegando à marca de 112. Mais adiante, a matéria lembra que há apenas um chuveiro público na Joaquina que só pode ser utilizado mediante o pagamento de cinco cruzeiros. A reportagem que relata o problema do lixo nesse camping termina ouvindo o turista:

Hoje (domingo) ouvi alguém falar num bar da praia que a gente devia levar o lixo embora. Mas você veja, para mim, que não sou daqui, é difícil fazer isso. Acho que seria muito mais simples os

<sup>69</sup> O Estado. Florianópolis, 30/1/1978, Mais de 20 mil pessoas no calorão do Santinho, p. 7.

<sup>70</sup> O Estado. Florianópolis, 30/1/1978, Primeiro grande engarrafamento deste verão na volta das praias, p. 10.

<sup>71</sup> O Estado. Florianópolis, 14/2/1977, Nas praias, muita gente. Faltou tudo, p. 7.

<sup>72</sup> O Estado. Florianópolis, 5/1/1977, Nossas belas praias estão sendo transformadas em depósitos de lixo, p. 15.

órgãos públicos responsáveis recolherem o lixo, como se faz no Rio Grande do Sul<sup>73</sup>.

Os jornais possibilitam observar dois olhares díspares sobre as mesmas questões. Um deles o olhar do turista, que, para Urry (1996), precisa “vivenciar prazeres particularmente distintos”. Por isso, o turista de Curitiba reclama por falta das poucas áreas de estacionamento, água de má qualidade e a pressa de alguns motoristas no perímetro urbano, enfim, problemas de que ele procura se livrar no período de veraneio<sup>74</sup>. E o olhar daqueles que residem na capital, cuja observação vê nos problemas não somente um sinal de atraso, mas de que as mudanças em curso e a “vocação” para o turismo não significariam dias melhores. Como lembra o bem humorado poema às vésperas do carnaval de 72: “Do congestionamento do trânsito da Ponte Herc lio Luz, livrai-nos, Al  / Da demora dos telefonemas inter-urbanos, livrai-nos, Al  / Da acanhada e antiquada Rodoviária, livrai-nos, Al ”<sup>75</sup>.

#### 4. O Carnaval Florianopolitano como Promo o da Cidade

No estudo sobre “As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana”, Maria Nazareth Ferreira (2001) aponta que a festa “estabelece uma rela o complexa com a realidade; não é uma simples reprodu o ou inversão de sentido; a festa recolhe experiências que normalmente são vivenciadas em separado, e acrescenta àquilo que no cotidiano é percebido como descontinuidade” (FERREIRA, 2001). A autora lembra também que no caso de festas como o carnaval onde elementos “comunicativo-cultural é dado através da *performance*”,   possível atrair a aten o de estranhos como os turistas.

O carnaval naquele momento ganhava um destaque maior pela imprensa como festa promotora da cidade. Essa postura vai refletir na maneira de “preparar” a cidade para atender ao grande contingente de turistas que chegam no período do verão para curtir a Ilha e sua festa. Nesse sentido,  

<sup>73</sup> O Estado. Florianópolis, 5/1/1977, Nossas belas praias estão sendo transformadas em depósitos de lixo, p. 15.

<sup>74</sup> O Estado. Florianópolis, 20/1/1973, p. 4.

<sup>75</sup> O Estado. Florianópolis, 25/1/1972, autoria de L rio Comin p. 2.

interessante observar a forma como o jornal “O Estado” constrói imagens representativas sobre carnaval florianopolitano.

Há evocação a um carnaval “tradicional” feito na cidade, que legitima a posição de sustentar “as maiores escolas de samba do sul do país”<sup>76</sup>. O título de “terceiro carnaval do Brasil” permitia também esquecer-se “dos impasses do cotidiano para se integrar à alegria da folia”<sup>77</sup>. Muito embora apareçam problemas como a falta de vagas em hotéis e campings.

O carnaval de 1972 é especialmente importante como fonte de reflexão sobre as mudanças que operavam na cidade e as representações mencionadas acima. Naquele ano, a intenção era possibilitar que “a festa seja a maior do país”<sup>78</sup>, tornando-a mais longa, com sete dias de duração. O colunista Gustavo Neves lembrava que Florianópolis vivia um “clima de expectativa sempre animadora” integrada ao futuro esplêndido do país<sup>79</sup>.

Dessa forma, o carnaval permite visualizar a ressonância destas expectativas. E as escolas de samba sugerem bons indícios através dos samba-enredos. Neste caso, para que o carnaval da cidade ganhasse relevância nacional, era preciso firmar a sua tradição ao executá-lo. Isso concede legitimidade para que a propaganda turística tenha mais eficácia ou para que se convença adesão de novos investimentos privados e públicos com o intuito de tornar a festa um grande atrativo. Mas a festa congrega outros atributos:

A festa condensa significados múltiplos, ou seja, ao mesmo tempo em que responde ao instantâneo, ao momento presentificado, lugar do acontecimento, da ação, a festa reflete utopias, projeta consigo uma imagem da cidade, de uma comunidade, de uma cultura ou grupo social específico, guardando no seu interior um “vir a ser” (FANTIN, 2000).

A cidade ganhava ares de metrópole e o seu carnaval deveria acompanhar esse ritmo. O que se percebe pelos jornais é a importância das escolas de samba para o carnaval da cidade. Embora existissem bailes em clubes como o Doze, que comemorava cem anos, e blocos carnavalescos, as

---

<sup>76</sup> O Estado. Florianópolis, 6/1/1972, p. 1.

<sup>77</sup> O Estado. Florianópolis, 13/1/1972, p. 1.

<sup>78</sup> O Estado. Florianópolis, 25/1/1972, p. 12.

<sup>79</sup> O Estado. Florianópolis, 4/2/1972, p. 4.

agregiações concentram as maiores expectativas. O destaque que elas recebem é notório. Mas o mais intrigante com relação ao carnaval de 1972 reside no fato de justamente estarem afinados naquele momento a execução de grandes mudanças na cidade e os temas carnavalescos, que evocavam símbolos que firmavam de alguma forma elementos da “tradição” local ao lado das novas possibilidades de ganhos levantadas pelo turismo.

Na edição de 11 de fevereiro de 1972, “O Estado” traz uma matéria especial com as respectivas escolas de samba e seus samba enredos. Naquele ano participaram do desfile as escolas e agregiações Protegidos da Princesa, Embaixada Copa Lord, Filhos do Continente e Império do Samba. O jornal informava que, juntas, elas levariam para o desfile de domingo 810 integrantes. A matéria conta um pouco da trajetória de cada agregiação, sua fundação e o vínculo com as comunidades onde estão estabelecidas.

Os Protegidos tinham como tema: “Florianópolis e suas Tradições”. A autoria da letra de Darci Vieira começa por valorizar um passado “glorioso” da Ilha ainda quando se chamava Desterro: “Mergulhei na tua História / E no fundo encontrei / Homens valentes lutando”. Em seguida, a letra faz referência à expulsão dos espanhóis que tomaram a Ilha em 1777, “Sem invasão e longe da Pirataria / Toda cidade se põe a cantar”. O futuro longe de qualquer perigo, diz a letra do samba, seria para amar. E o carnaval colocado nessa medida temporal proporcionaria tal feito: “O lindo muito lindo nosso Carnaval / Muito samba e muita beleza / Hoje ele é tradicional”.

A Copa Lord aproveitava os cem anos do Clube Doze de Agosto e fazia sua homenagem com o tema: “Doze, 1872-1972”. O samba assinado por Walter Campos Bruno a certa altura dizia: “Suplicamos à canção, como mensagem / Relembrando seus remotos carnavais / Um minuto de saudade em homenagem / A seus grandes pioneiros imortais”<sup>80</sup>.

As duas escolas parecem atestar a propaganda feita pelos jornais sobre o carnaval florianopolitano. Buscam na história da cidade elementos e temas que confirmem sua “tradição” em fazer o carnaval. Por isso, parece pertinente abordar esta questão com base no que Hobsbawn (1984, p. 9) elabora por

---

<sup>80</sup> O Estado. Florianópolis, 11/2/1972, p. 12.

“tradição inventada”<sup>81</sup> (HOBSBAWN, 1984.p.9). As letras dos sambas se enquadram no que o autor define como a função de legitimar “instituições, status ou relações de autoridade” e a “socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento” (Ibidem, p 17).

Os temas das outras duas escolas concorrentes sinalizam uma aproximação mais clara com o turismo. Os Filhos do Continente e seu tema “Santa Catarina – Festa de Riquezas e Tradições” exploraram os potenciais de cada região catarinense. Há no início da letra a constante presença de exaltação às belezas naturais e arrojo econômico do estado. Na estrofe reservada à capital o turismo ganha destaque: “O Turismo chegou, ô, ô, ô, ô / Sacudindo a nossa Ilha, / Ornada de encantos mil, / Lagoa, Jurerê, Canasvieiras, / Apresentam as mais lindas sereias do Brasil/”<sup>82</sup>.

A Império do Samba cantou “A Ilha Encantada”, lembrando que essa possuía todos os componentes necessários para agradar os visitantes: “Já tem Clube centenário / Sua ponte belo cenário / Sua gente hospitaleira / O trabalho da rendeira / Seu povo tem coração / Dá valor à tradição”<sup>83</sup>.

É importante salientar o uso do carnaval como atrativo para o turismo da cidade. A este respeito, Fantin (2000, p.135) mostra que o carnaval em Florianópolis nesta época vivia uma situação de ambiguidade, buscava-se preservá-lo como “carnaval provinciano em volta da Praça XV” ao mesmo tempo em que se buscava o “modelo de cidade que se metropoliza, se transforma e, portanto, festeja um carnaval com ares metropolitanos”.

O caminho da mercantilização parecia irreversível naquele momento, principalmente pelas dimensões que a festa ocupava. Entre os anos de 1972 e 1974, nos meses que antecedem o carnaval estavam sempre em debate os valores concedidos pela prefeitura às sociedades carnavalescas<sup>84</sup>. “As escolas

---

<sup>81</sup> Entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 1984 .p.9).

<sup>82</sup> O Estado. Florianópolis, 11/2/1972, p. 12.

<sup>83</sup> O Estado. Florianópolis, 11/2/1972, p. 12.

<sup>84</sup> Novamente é apontada a insuficiência das verbas, um tema que vai acompanhar a problemática das escolas de samba durante toda sua existência. Em Florianópolis, desde a década de 60 já se fala do descaso do poder público e da precariedade da dotação orçamentária para as escolas de samba. Críticas também à falta de arquibancadas e às cabines mal construídas que obstruíram a visão. Críticas às estruturas, aos poderes, ao concurso de músicas carnavalescas; elogios e mais elogios às escolas de samba, à sua capacidade artística e principalmente, ao caráter

de samba já são vistas – inclusive pelo poder público – como fator de integração nacional e a obrigatoriedade de se investir recursos como um compromisso público e possibilidade de retorno econômico na área turística” (TRAMONTE, 1996, p. 116).

Nos preparativos para o carnaval de 1974 “O Estado” traz a seguinte manchete: “Protegidos ensaia na Lagoa e Copa Lorde em Canasvieiras mostrando seu samba ao turista”<sup>85</sup>. A iniciativa era do Diretor, que levava os ensaios das escolas de samba até os balneários, sempre nas noites de sábado. Ao mesmo tempo em que cresce em relevância, o carnaval ilhéu sofre constantes baixas na participação das escolas de samba. No ano de 1973 os Protegidos da Princesa desistiram de desfilar alegando “dificuldades financeiras”<sup>86</sup>. A dívida do carnaval anterior impedia a passagem da escola na rua e a verba disponibilizada pela prefeitura naquele ano era insuficiente para cobrir as despesas e auxiliar no novo enredo.

## 5. Considerações Finais

Florianópolis até o início da década de 1970, embora capital de Santa Catarina, ainda conservava em seu desenho urbano a feição de uma cidade colonial e, por muitas vezes, nomeada provinciana por seus moradores. Não apenas pela falta de aparelhos urbanos, que pudessem lhe conferir o ar de metrópole, mas também por não estar inserida no mercado de consumo de massas e não ter um parque industrial. Além disso, questionavam-se os hábitos cotidianos dos ilhéus e as atividades consideradas ultrapassadas, como, por exemplo, o uso de embarcações para se locomover.

Essa noção de “atraso” tão debatida pela imprensa diária e as elites da cidade durante as décadas de 1950 e 1960 começa a ser deixada para trás na década de 1970. A década estudada é marcada por uma série de intervenções urbanas como o aterro da baía sul, a construção da ponte Colombo Salles, a

---

heróico que seus protagonistas assumem, ao encarar a responsabilidade com total falta de condições, numa composição abnegação-coragem-arte para “salvar o carnaval” (TRAMONTE, 1996, p. 121- 122).

<sup>85</sup> O Estado. Florianópolis, 26/1/1974, p. 12.

<sup>86</sup> O Estado. Florianópolis, 1/2/1973, p. 8.

abertura das rodovias em direção às praias do norte da Ilha e a especulação imobiliária. Além disso, há a incorporação de migrantes vindos de outros estados para trabalhar no serviço público, a formação de uma classe média ansiosa por estabelecer novos padrões de consumo e as tensões criadas entre os “nativos” e “estrangeiros”. Somada a todos esses indícios de mudança, a ideia de uma suposta vocação para o turismo vislumbrada para a cidade foi usada de maneira a garantir, permanentemente, novos ganhos para as elites. Nesse sentido, o carnaval aparece como principal recurso de promoção da cidade. É da década de 1970 o título de “terceiro carnaval do país”.

Todas essas mudanças repentinas direcionadas pelas elites fizeram com que a cidade tivesse acesso a um grande volume de capitais privados e públicos. Somado a isso observamos imediatas alterações no quadro social da cidade, compondo um cenário que chamo de “cidade milagre”. Uma capital que não participou do desenvolvimentismo da década de 1950, mas que passou a contar com grande volume de investimentos a partir do “milagre econômico” (1968-1971), muito embora, como foi ressaltado no início do texto, continuou a receber o impacto do “milagre” até a década de 1980.

## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- DE LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (org.). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. São Paulo: Arte & Ciência – Villipress, 2001.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.
- HOBBSAWM, Eric John Ernest. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o Futuro: relações de poder e cultura urbana Florianópolis, 1950 e 1970**. Porto Alegre, RS. Tese (doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A., Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, v. 4.
- ORLANDI, Verônica Pereira. **Uma cidade em transformação: Modernização da cidade de Florianópolis Durante a elaboração do plano diretor de 1976**. Florianópolis, SC. Monografia (História). Curso de graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009.
- PRADO, Luiz Carlos Delorme e EARP, Fábio Sá. O "milagre" brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda

(1967 – 1973). In: Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado (org.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SINGER, Paul. **A Crise do "Milagre": interpretação crítica da economia brasileira**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TRAMONTE, Cristina. **O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis**. Florianópolis: NUP, 1996.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1996.

VALENTE, César. A imprensa na Grande Florianópolis. In: **Jornalismo em perspectiva**. Maria José Baldessar e Rogério Christofolletti (orgs.), 1ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

#### **Fontes**

##### **Periódicos:**

**Jornal O ESTADO, Florianópolis.**

**In: Arquivo**

**Biblioteca Pública Estado de Santa Catarina.**

**Edições:** 2/1/1971; 5/1/1971; 7/1/1971; 11/1/1971; 20/8/1971; 6/1/1972; 13/1/1972; 14/1/1972; 19/1/1972; 25/1/1972; 2/2/1972; 4/2/1972; 9/2/1972; 11/2/1972; 13/2/1972; 22/2/1972; 3/12/1972; 8/12/1972; 16/12/1972; 24/12/1972; 28/12/1972; 30/12/1972; 5/1/1973; 6/1/1973; 14/1/1973; 16/1/1973; 20/1/1973; 23/1/1973; 25/1/1973; 31/1/1973; 1/2/1973; 3/2/1973; 12/2/1973; 24/2/1973; 1/12/1973; 5/12/1973; 6/12/1973; 9/12/1973; 4/1/1974; 6/1/1974; 26/1/1974; 27/1/1974; 15/2/1974; 17/12/1976; 5/1/1977; 7/2/1977; 14/2/1977; 30/1/1978; 15/12/1978; 20/1/1980; 22/1/1980; 23/1/1980.